

Editorial

Integrado nas comemorações do Sesquicentenário da Independência do Brasil, patrocinou o Serviço de Documentação Geral da Marinha um Curso de Conferências, em cinco aulas, no qual se procurou abordar os principais aspectos da participação da Marinha nas lutas da Independência.

Fez-se necessário ressaltar o papel fundamental da Esquadra que, após penosos sacrifícios na sua formação, partiu do Rio de Janeiro, a 1º de abril de 1823, indo bloquear o porto da Bahia e forçar a rendição das tropas portuguesas do General Madeira de Melo.

Tal foi o bom êxito alcançado pelas ações do Primeiro-Almirante Lorde Cochrane que, após decorridos dois meses e oito dias de sua chegada às proximidades da barra da Baía de Todos os Santos, viu-se o general português na contingência de embarcar com suas tropas e fazer-se a vela para o Tejo, pois estava na iminência (ele próprio o afirmou) de, já sem meios de subsistência, perder os navios que os recambiariam à pátria.

Talvez de maior importância que estas ações militares tenha sido a presença das Forças Navais do Império nas províncias do Norte.

Se geograficamente muito distantes estavam da Corte essas províncias, mais ainda dela se afastavam, sob o ponto de vista econômico. Outrora, haviam constituído mesmo o Estado do Maranhão e o Grão-Pará, sem subordinação ao Estado do Brasil. Condicionalismo físico (ventos e

correntes marítimas) tornava muito mais fácil, naquela época de navegação a vela, a ligação entre São Luís ou Belém e Lisboa do que entre quaisquer daquelas unidades e o Recife.

Embora a alguns pareça inútil especular em História sobre o que poderia ter acontecido se isto ou aquilo não tivesse sido feito, julgamos que valiosas ilações podem ser retiradas da formulação de hipóteses possíveis e válidas: A ida de Cochrane ao Maranhão e o subsequente envio de Grenfell ao Pará, analisados sob este prisma, nos garantem que com eles foi assegurada a perpetuidade da união nacional, mantendo integridas no Império as vastas regiões equatoriais, cuja conquista tanto esforço e tantas vidas custaram aos nossos maiores. Bem outra talvez fosse a situação hoje, caso houvesse faltado aos patriotas do Norte o apoio do Governo brasileiro.

Publicando no *NAVIGATOR* o texto das cinco conferências pronunciadas entre 6-7 e 3-8 de 1972, no auditório do Serviço de Documentação Geral da Marinha, por ilustres cultores das letras históricas brasileiras, julgamos não só participar do grande movimento cívico-cultural reunido em torno das comemorações dos cento e cinquenta anos de nossa Independência como, e principalmente, memorar aqueles ilustres brasileiros que, num instante crucial da nacionalidade, no recesso dos gabinetes, nas carreiras dos estaleiros e nos conveses dos navios da Esquadra Imperial, asseguraram o nosso direito de autodeterminação.